

"The Cabinet of the Machines of Capital"

Installation by the American artist Mark Dion for the 1st Montevideo Biennial in 2012, donated to the Banco de la Republica Oriental del Uruguay.

Mark Dion

1961, Massachusetts, USA.

He studied Fine Arts at the University of Hartford. From 1986 to 1990 he worked as a studio assistant for Ashley Bickerton.

Dion established his reputation through installations in Europe and the United States, in which he applies his interests in archaeology, ecology, and zoology to works that explore cultural representations of nature. His art reveals the structures that govern the natural world and the dissolution of the boundary between nature and culture. In his view, "nature is one of the most sophisticated settings for the production of ideology."

A large assemblage of antique furniture, eight meters high, draws us in from the very beginning of our tour. The American artist Mark Dion unfolds across the wall a broad composition of old wooden display cases and bookcases, including hundreds of documents and objects from BROU's archives and storerooms. Following a classification system organized in series, Dion arranges scales, typewriters, calculators, groups of inkwells, accounting ledgers, telephones, as well as curious tubes through which documents were sent between the Bank's offices before the advent of the internet. The artist evokes the ways of arranging objects found in European cabinets of curiosities from the fifteenth to the eighteenth centuries, in which curious biological specimens, technical artifacts, and works of art were ordered as a microcosm. In Dion's new cabinet, The Cabinet of the Machines of Capital, the material vision of the world of labor and capital is revealed through each object. Each one leads us to a way of measuring, calculating, documenting, and representing capital in other times. As Alfons Hug wrote in his text for the exhibition space: "This search for traces is one of the most advanced positions in contemporary art, and it grants the present the necessary historical depth and complexity."

Paz Guevara

Co-curator, 1st Montevideo Biennial

“The Cabinet of the Machines of Capital”

“O gabinete das máquinas do capital”

Instalação do artista norte-americano Mark Dion para a 1ª Bienal de Montevidéu, no ano de 2012, e doada ao Banco da República Oriental do Uruguai.

Mark Dion

1961, Massachusetts, EUA.

Estudou Belas-Artes na Universidade de Hartford. De 1986 a 1990 trabalhou como assistente de estúdio de Ashley Bickerton.

Dion consolidou sua reputação com instalações na Europa e nos Estados Unidos, nas quais aplica seus interesses em arqueologia, ecologia e zoologia a obras que exploram as representações culturais da natureza. Sua arte revela as estruturas que governam o mundo natural e a dissolução da fronteira entre natureza e cultura. Em sua opinião, “a natureza é um dos cenários mais sofisticados para a produção de ideologia”.

Um grande conjunto de móveis antigos, com oito metros de altura, nos atrai desde o início de nosso percurso. O artista norte-americano Mark Dion dispõe sobre a parede uma ampla composição de antigas vitrines e estantes de madeira, incluindo centenas de documentos e objetos provenientes dos arquivos e depósitos do BROU. Seguindo uma classificação organizada em séries, Dion ordena balanças, máquinas de escrever, calculadoras, grupos de tinteiros, livros contábeis, telefones, bem como curiosos tubos pelos quais os documentos eram enviados entre os escritórios do Banco antes da existência da internet. O artista evoca as formas de dispor objetos dos gabinetes de curiosidades europeus dos séculos XV a XVIII, nos quais curiosos espécimes biológicos, artefatos técnicos e obras de arte eram ordenados como um microcosmo. No novo gabinete de Dion, O gabinete das máquinas do capital, a visão material do mundo do trabalho e do capital se revela por meio de cada objeto. Cada um deles nos remete a uma maneira de medir, calcular, documentar e representar o capital em outros tempos. Como Alfons Hug escreveu em seu texto para o espaço expositivo: “Essa busca por vestígios é uma das posições mais avançadas da arte contemporânea e confere ao presente a necessária profundidade e complexidade histórica.”

Paz Guevara

Co-curadora da 1ª Bienal de Montevidéu